

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO NA AMÉRICA LATINA  
PROFESSOR: NORBERTO FERRERAS  
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

17.06.2006

### PROVA I

PERGUNTA 1 – OPÇÃO B: Quais as principais questões levantadas por Mike Savage e Marcel Van der Linden para a análise da Classe? Justifique.

#### O PENSAMENTO DE MIKE SAVAGE

SAVAGE, Mike. *Classe e História do Trabalho* IN: BATALHA, C; SILVA, F. T. e FORTES, A. **Culturas de classe**. Campinas, Ed. Unicamp, 2004.

A primeira questão que SAVAGE apresenta diz respeito ao aparato conceitual utilizado pelos historiadores do trabalho. Dá especial atenção ao conceito de classe. Se antes havia uma luta ideológica entre as abordagens influenciadas pelas teorias econômicas neoclássicas e aquelas mais ligadas ao marxismo, hoje (ao menos na Grã-Bretanha) a luta é entre aqueles que insistem na primazia do econômico e os que abordam a questão do trabalho por um viés mais culturalista. História econômico-social versus história da cultura e das mentalidades? Mais ou menos...

SAVAGE vê certa estreiteza de vistas por parte, digamos, dos economicistas. As abordagens culturalistas levariam em conta as lutas feministas, as desigualdades étnicas, as questões ecológicas, os lugares de moradia, outros movimentos sociais, etc., dimensões da realidade do mundo do trabalho deixadas num segundo plano pelos economicistas.

Penso que a história dos homens é a história material e espiritual dos homens. Penso também que a história é uma totalidade em movimento, ou seja, o econômico, o político, o cultural, o ideológico, o geográfico, o mítico, o ecológico, etc. etc. etc, tudo isso caminham juntos no tempo, uns determinando e sendo determinados pelos outros – dialeticamente – sendo – **em última instância** – o econômico o determinante, pela simples razão de que o homem, antes de poder pensar, criar obras de arte, filosofar tem de comer para continuar existindo. E para comer precisa estabelecer relações de produção com seus semelhantes para o provimento dos seus meios de vida. Esta é uma determinação sobre a qual nenhum homem está livre. Somos obrigados, estamos

condenados a estabelecer relações com nossos semelhantes, relações sociais de produção dos meios de vida, relações de produção; e aquilo que somos depende, portanto - em última instância - das condições materiais da nossa produção, da nossa existência.<sup>1</sup>

*“Será que a descoberta da relevância das relações de etnicidade e gênero e outras serve para desabonar a importância do fenômeno da classe ou pode o conceito de classe ser reformulado de tal modo a tornar-se sensível a questões de gênero e de lugar (e por aí vai)? **Será classe só uma dimensão, entre diversas outras, que modela a história do trabalho** e que o historiador empírico minucioso deve examinar quando relevante?”* (p. 26, grifo meu). Grande questão!!! Seja como for, o autor vai sugerir a procura de um estudo mais complexo, multifacetado, mantendo o foco sobre a formação da classe.

### **O FIM DO MARXISMO**

*Sem dúvida,  
é equivocado presumir  
que a análise das classes sociais  
dependa de postulados marxistas.  
Mike Savage*

Confesso que fiquei chocado com tamanha afirmação. Como SAVAGE não foi o primeiro a tentar assassinar o marxismo, e seguramente não será o último, fui buscar nos seus argumentos os pontos frágeis – ou corroídos pelo tempo – dos fundamentos do marxismo.

SAVAGE poderia ter relativizado um pouco a sua afirmação<sup>2</sup>. Ademais, em duas páginas quis o autor decretar a falência de uma teoria explicativa de porte como é a marxista. Mas assim eu diria também se me referisse a qualquer outra grande teoria explicativa, como a de Weber, por exemplo. Neste trabalho, vou me deter à defesa do marxismo. Gostaria de fazer o mesmo na defesa de Weber, mas infelizmente não domino a sua teoria, a despeito de pelo pouco que a li, perceber nela grande utilidade prática na

---

<sup>1</sup> “(...) Segundo a concepção materialista da história, o fator que em **última instância** determina a história é a produção e reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos nunca mais do que isso. Se alguém tergiversa dizendo que o fator econômico é o **único** determinante, converterá aquela tese numa frase vazia, abstrata, absurda.” Engels, carta a J. Bloch, de 1890. Citado por Ciro Flamarion Cardoso, notas de aula sobre a economia antiga, cap. III, p. 14, grifos meus.

<sup>2</sup> Por exemplo: *“Talvez seja um equívoco presumir que a análise das classes sociais dependa única e exclusivamente de postulados marxistas”* seria, a meu ver, uma construção pertinente. Mas quando o autor usa a expressão “sem dúvida” à sua afirmação de que é equivocado presumir que a análise das classes sociais dependa de postulados marxistas, vi nesta certeza absoluta um certo oportunismo intelectual. Naturalmente, se SAVAGE faz tal afirmação com tanta convicção é porque deve ser um profundo conhecedor do marxismo, ou um charlatão.

percepção de certas dimensões da realidade extra-econômica. Continuando, em duas páginas o nosso SAVAGE mandou para os ares os postulados marxistas. Então, vejamos o que nos dizem estas duas demolidoras páginas.

*“(...) no interior da tradição marxista, a base econômica das relações de classe tem sido usualmente vista como extração de mais-valia, o que acarretou direta curiosidade acerca da natureza do processo de trabalho e, outrossim, acerca do modo pelo qual o inerente conflito de interesses – erguidos das relações de produção – tem levado à resistência operária (tanto formal quanto informal), criando, por conseguinte, um certo número constante de tensões entre trabalhadores e empregadores” (p. 29, grifo meu).*

Antes do mais, é preciso dizer que o conceito de classe não é obra do marxismo. O que Marx adiciona, dentre outras questões, é a afirmação de que nem sempre existiram classes sociais, que o aparecimento das classes estaria ligado a determinadas fases de desenvolvimento histórico da produção.<sup>3</sup>

*“No interior da tradição marxista”!?!... Ora, se SAVAGE questiona os postulados marxistas, deve discutir o pensamento de Marx e não a *tradição marxista*. Qualquer estudioso sabe que de uma matriz teórica podem nascer matrizes que sigam caminhos diversos e muitas vezes contraditórios com os postulados da matriz-mãe. Stalin se dizia marxista... Não seria Stalin parte integrante desta tradição marxista? E continua adiante com suas imprecisões capciosas, como o emprego da palavra “*usualmente*”: “*a base econômica das relações de classe tem sido usualmente vista como extração de mais-valia*”.*

Fica difícil discutir com um autor que afirma que os postulados de uma teoria são inúteis quando este mesmo autor, ao invés de citar os escritos dos fundadores deste teoria,

---

<sup>3</sup> “[...] *No que me diz respeito, não me cabe o mérito de ter descoberto nem a existência das classes na sociedade moderna nem a sua luta entre si. Muito antes de mim, historiadores burgueses tinham exposto o desenvolvimento histórico desta luta das classes, e economistas burgueses a anatomia econômica das mesmas. O que de novo eu fiz, foi: 1. demonstrar que a existência das classes está apenas ligada a determinadas fases de desenvolvimento histórico da produção; 2. que a luta das classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado; 3. que esta mesma ditadura só constitui a transição para a superação de todas as classes e para uma sociedade sem classes. [...]*”. Marx/Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Edições Avante! – Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1982, t. 1, p. 555.

refere-se a ela vagamente reportando-se às suas *tradições* e a aspectos *usualmente* vistos por esta tradição. Seja como for, vamos ao bom combate.

Não é verdade, para Marx/Engels, que “*a base econômica das relações de classe*” seja “*vista como extração de mais-valia*”. Acaso a burguesia extraía mais-valia da nobreza feudal? Ora, Sr. SAVAGE, onde estaria aqui a base econômica das relações entre a classe burguesa e a nobreza feudal? Seria então a burguesia apenas uma classe em relação ao proletariado mas não em relação à nobreza feudal? Ou Marx se contradizia ao reconhecer a nobreza feudal como classe social específica já que em seu pensamento “*a base econômica das relações de classe é a extração da mais-valia*”, e entre a burguesia e a nobreza não havia extração de mais-valia, ou o Sr. SAVAGE desconhece o pensamento de Marx. Vejamos o que escreveu Marx/Engels em 1845-46.

*“Na Idade Média, os burgueses de todas as cidades eram obrigados a unir-se contra a nobreza rural para se defenderem; (...) A classe burguesa apenas muito lentamente se formou a partir das numerosas burguesias locais das diversas cidades. A oposição às relações existentes, assim como o modo de trabalho condicionado por esta oposição, mudaram as condições de vida de cada burguês em particular, em condições de vida comuns a todos os burgueses e independentes de cada indivíduo isolado. Os burgueses criaram estas condições na medida em que se separaram da associação feudal, e foram por elas criados [quer dizer, foram criados pelas associações feudais] na medida em que eram condicionados pela sua oposição ao feudalismo existente. Com o estabelecimento das ligações entre as diferentes cidades, estas condições comuns desenvolveram-se e tornaram-se **condições de classe**. As mesmas condições, a mesma oposição, os mesmos interesses, tinham de originar por toda parte e de uma maneira geral, a costumes iguais. A própria burguesia só pouco a pouco se desenvolve, segundo as suas condições; divide-se em diferentes frações, conforme a divisão do trabalho e termina absorvendo no seu seio todas as classes possuidoras precedentes (transformando a maioria das classes não-possuidoras e uma parte das classes possuidoras, **em uma nova classe, o proletariado**), na medida em que toda a propriedade existente é transformada em capital comercial ou industrial. Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que*

*têm de travar uma luta comum contra uma outra classe, de resto, terminam por ser inimigos pela concorrência. Por outro lado, a classe torna-se independente dos indivíduos [classe em si], de modo que eles encontram as suas condições de vida previamente estabelecidas e recebem da sua classe, completamente delineada, a sua posição na vida junto com o seu desenvolvimento pessoal; estão, desta maneira, subordinados à classe [a classe existe objetivamente, ainda que o indivíduo recuse-se a aceitar a sua existência. Grifos meus.]”.*<sup>4</sup>

Como se vê, no processo histórico, primeiro veio ao mundo a burguesia; depois o proletariado. É impossível, portanto, atribuir à Marx/Engels a existência da classe burguesa condicionada à existência de um proletariado, quer dizer, a uma relação de expropriação de mais-valia. Como entre burguesia e nobreza feudal não há expropriação de mais-valia, é óbvio que para Marx/Engels a afirmação segundo a qual “a base econômica das relações de classe tem sido usualmente vista como extração de mais-valia” é um absurdo completo. Ademais, no período em que estas citações foram escritas (1845-46) a teoria da mais-valia estava ainda em sua fase embrionária. Vemo-la mais acabada em 1867 com a publicação do primeiro volume de *O Capital*. Ora, se não é a extração da mais-valia, o que é então? As relações de produção, ou relações de propriedade, uma expressão jurídica usada para explicar uma relação econômica.<sup>5</sup>

Marx vê uma relação entre o aparecimento da propriedade privada e o surgimento das classes sociais. Com as classes surge o Estado. Com o fim das classes desaparecerá o Estado. Dito de outra forma, a propriedade privada e as classes sociais vieram ao mundo de mãos dadas, firmemente, uma explicando a outra, uma existindo com a outra, cúmplice da outra, dependendo da outra para continuar a sua existência. “A propriedade é sobretudo uma relação social. É o direito entre duas ou mais pessoas sobre um objeto qualquer”.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, *A IDEOLOGIA ALEMÃ*, Centauro, São Paulo, 2005, pp. 90-91.

<sup>5</sup> “A um certo estágio do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as **relações de produção** existentes ou, o que não é senão a expressão jurídica, com as **relações de propriedade** no seio das quais se moviam até então”. MARX, Karl, *Contribuição à Crítica da Economia Política*. IN: CASTRO, Ana Maria de, DIAS, Edmundo Fernandes, *Introdução ao Pensamento Sociológico*, Centauro, São Paulo, 2001, p. 168, grifos meus.

<sup>6</sup> Anotação colhida em sala de aula. Mário Bastos, professor de História Medieval, Departamento de História da UFF, 2003.

*“Os proprietários da simples força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários de terras, cujas respectivas fontes de rendimento são o salário, o lucro e a renda do solo, isto é, os trabalhadores assalariados, os capitalistas e os latifundiários, **formam as três grandes classes** da sociedade moderna, baseada no regime capitalista de produção.*

*É na Inglaterra (...) que se acha mais desenvolvida essa estrutura econômica (...) da sociedade moderna. Contudo, nem aqui **esta divisão da sociedade em classes** se apresenta em toda a sua pureza” (grifos meus).<sup>7</sup>*

É notória a conexão que Marx faz entre as relações de propriedade – vale dizer, privada - e a divisão da sociedade em classes. Os trabalhadores assalariados são os proprietários da simples força de trabalho; os capitalistas são os proprietários de capital; e os latifundiários, os proprietários de terras. Com as classes surge o Estado. Com o fim das classes desaparecerá o Estado. Para que o Estado desapareça faz-se necessário o desaparecimento das classes sociais. Para que as classes sociais desapareçam faz-se necessário o desaparecimento da propriedade privada (sobre os meios de produção). Uma vez abolida a propriedade privada, desaparecem as classes, o Estado, a mercadoria, o mercado, o dinheiro, o capital e a mais-valia. Tal é o que nos diz Marx, grosso modo. Mas o Sr. SAVAGE parece desconhecer tudo isto. Mas continuemos com o Sr. SAVAGE.

*“Enxergando com os olhos dos anos 1990, é possível individuar dois grandes problemas com essa linha de pesquisa. O primeiro remete para a crescente problematização da teoria do valor do trabalho (...), alvo de ascendente pressão intelectual nos últimos anos. As feministas demonstraram quanto ela se apóia em presunções masculinas acerca do que constitui o “trabalho produtivo” – como o (hoje esquecido) “debate do trabalho doméstico” tão bem indicou no final dos anos 1970. Em outra faixa, a atual expansão dos empregados de colarinho branco de classe média tornou ainda mais difícil o discernimento entre explorador e explorado” (p. 29). Paremos por aqui. Já é demais...*

---

<sup>7</sup> Citação de Marx, IN: CASTRO, Ana Maria de, op. cit., pp. 191-192.

SAVAGE é um defensor envergonhado da ideologia burguesa. E mais, sem criatividade. Primeiro desqualifica (sem argumentos) a teoria do valor-trabalho, depois nos passa – de contrabando – a confusão sobre trabalho produtivo e improdutivo para concluir que é muito difícil “*o discernimento entre explorador e explorado*”. Por que envergonhado? Porque não teve a coragem de concluir a sua lógica, qual seja, a de que o trabalho humano não é o protagonista da criação do valor das mercadorias, que outros trabalhos são produtivos também (ele cita o doméstico porque não tem coragem de citar o trabalho do capitalista ao administrar seus negócios) e que, em razão disto, fica difícil saber quem explora quem e – o mais importante – se há mesmo exploração do homem pelo homem, mais-valia. Impossível não dizer: “*presunções masculinas acerca do que constitui o “trabalho produtivo”???*!!! Francamente!!!... Quis dizer, o nosso SAVAGE, que Marx era um machista?! Acho desnecessário citar estudos de Marx/Engels em que explicam e relatam as condições de trabalho das mulheres e crianças nos primórdios do capitalismo industrial.

Todas as críticas à teoria do valor-trabalho produzidas contra a economia clássica inglesa, não só à teoria de Marx<sup>8</sup>, objetivam retirar do preço das mercadorias a sua substância: o trabalho.<sup>9</sup> Se não é o trabalho o verdadeiro criador do valor, então não há exploração do trabalho alheio, não há mais-valia. Que não é a quantidade da substância criadora do valor (o trabalho) a única determinante do preço das mercadorias, qualquer criança já o sabe. A legalidade ou não desta mercadoria (um quilo de cocaína pode conter a mesma quantidade de trabalho de uma televisão, mas enquanto o tráfico for crime a cocaína custará muito mais do que uma televisão), a lei da oferta e da procura, a propaganda, a fraude, a especulação e etc. são vetores que interferem no preço das mercadorias. Isto qualquer consumidor sabe. Mas o que os críticos da teoria do valor

---

<sup>8</sup> “O patrão partilha do produto do trabalho dos empregados, ou seja, **do valor que o trabalho acrescenta aos materiais trabalhados pelo empregado**; é nessa participação que consiste o lucro do patrão” (grifo meu). SMITH, Adam, *A RIQUEZA DAS NAÇÕES*, V. I e II, São Paulo, Nova Cultural, p. 118.

<sup>9</sup> O valor de uma mercadoria é – em última instância – determinado pelo tempo de trabalho em média socialmente necessário para a sua produção. “*O que determina a grandeza do valor, portanto, é a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor-de-uso<sup>(...)</sup>. Cada mercadoria individual é aqui considerada exemplar médio de sua espécie<sup>(...)</sup>. Mercadorias que contêm iguais quantidades de trabalho, ou que podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho, possuem, conseqüentemente, valor da mesma magnitude. O valor de uma mercadoria está para o valor de qualquer outra, assim como o tempo de trabalho necessário para a produção de uma está para o tempo de trabalho necessário à produção de outra. Como valores, as mercadorias são apenas dimensões definidas do tempo de trabalho que nelas se cristaliza. (...) Conhecemos, agora, a substância do valor. É o trabalho. Conhecemos a medida de sua magnitude. É o*

objetivam é retirar do preço das mercadorias esta incômoda substância criadora do valor que é o trabalho humano. Essa é questão! Trata-se de uma ideologia antes de ser considerada uma teoria econômica. É, antes de tudo, um discurso político.

Para uma boa compreensão da teoria do valor de Marx, necessário se faz o domínio de dois conceitos caros ao marxismo: *modo de produção e formação social*. O **modo de produção capitalista** é uma sociedade que só existe como abstração, uma sociedade inteiramente capitalista, sem resquícios de outros modos de produção. Nunca existiu.<sup>10</sup> É diferente quando nos reportamos à análise das **formações sociais**, quer dizer, das sociedades concretas, formadas por diversidades de modos de produção, religiões, culturas, etc. Nelas, nas formações sociais, por exemplo a lei da oferta e da procura tem peso muito forte e há mesmo economistas que explicam o valor das mercadorias por esta lei. Só a força do pensamento abstrato para podermos imaginar uma sociedade de mercado com a oferta e a procura em equilíbrio, a oferta de sapatos igual à procura de sapatos, a oferta de geladeiras igual à procura de geladeiras, e o porquê de as geladeiras custarem mais do que os sapatos, ou uma televisão cheia de recursos tecnológicos ser mais barata do que uma mesa feita com madeira nobre.

*“A conversa fiada sobre a necessidade de demonstrar o conceito de valor repousa apenas na ignorância total tanto do assunto de que se trata quanto do método da ciência. Qualquer criança sabe que toda nação pereceria se o trabalho cessasse, já nem digo durante um ano, mas durante algumas semanas.*

(...)

*O economista vulgar não tem a mínima noção de que as reais relações de troca diária não podem ser imediatamente idênticas às grandezas do valor. O engraçado na sociedade consiste exatamente em que não é feita, a priori, nenhuma regulamentação social consciente da produção. O racional e naturalmente necessário só se impõe às cegas, como média. E então o economista vulgar crê fazer uma grande*

---

*tempo de trabalho*”. MARX, Karl, *O Capital*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988, V. I, pp. 46-47. Eis aqui a teoria do valor de Marx.

<sup>10</sup> Assim explicava Marx: “É na Inglaterra, indiscutivelmente, que se acha mais desenvolvida essa estrutura econômica – **em sua forma mais clássica** – [grifo meu] da sociedade moderna. Contudo, nem aqui esta divisão da sociedade em classes **se apresenta em toda a sua pureza** [grifo meu]. Também na sociedade inglesa existem fases intermediárias e de transição que obscurecem em todas as partes (...) as linhas divisórias”. CASTRO, Ana Maria de, op. cit., p. 192.



*descoberta quando, frente à revelação das conexões internas, alardeia que na aparência as coisas se apresentam de outro modo. De fato alardeia que ele permanece aferrado às aparências e as toma como instância última. Para que, então, ainda uma ciência?*

*Mas a coisa tem, aqui, ainda um outro aspecto. Uma vez que se penetre na conexão íntima das coisas, toda a fé teórica na necessidade permanente da ordem constituída cai por terra, antes mesmo que ela desmorone na prática. **As classes dominantes estão, portanto, interessadíssimas em perpetuar essa confusão insensata**” (grifo meu).<sup>11</sup>*

Para que o nosso atormentado SAVAGE não mais sofra com o difícil “discernimento entre explorador e explorado”, aqui vai uma dica: trabalho produtivo é todo trabalho que produz mais-valia.

*“Em estreita ligação com o problema da troca entre o trabalho e o capital encontra-se a questão do trabalho produtivo e não produtivo na sociedade capitalista. A solução da questão do critério do trabalho produtivo no capitalismo formulada pelos representantes desta ou daquela escola da economia política burguesa (Marx mostra-o com o exemplo dos mercantilistas, dos fisiocratas e de Smith) decorria directamente das suas idéias sobre a origem da mais-valia, era uma consequência da solução do problema da troca entre o trabalho e o capital.*

*Nas Teorias sobre a Mais-Valia encontra-se uma explicação circunstanciada do trabalho produtivo na sociedade capitalista e no sentido capitalista como trabalho produtor de mais-valia”.*<sup>12</sup>

SAVAGE, em seguida, discuti o segundo problema da perspectiva marxista: prender-se aos estudos dos processos de trabalho. De fato, esta prática é típica dos marxistas.

---

<sup>11</sup> MARX, Karl, *Sobre a lei do valor*, IN: MARX ENGELS, HISTÓRIA, Florestan Fernandes (org.), Ática, São Paulo, 1984, Carta a L. Kugelmann de 11.07.1868, pp.443-444.

<sup>12</sup> MARX, Karl, *BIOGRAFIA*, Edições Progresso – Moscovo, Edições Avante! – Lisboa, Coletivo de autores do Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS, produzida em segunda edição em 1973, p. 460.

*“(...) são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem esta sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência”.*<sup>13</sup>

Mas o Sr. SAVAGE está mais atento ao que vem depois (é um idealista filosófico), às idéias:

*“Existem (...) estudos (...) sobre a maneira pela qual algumas formas de trabalho podem ser analisadas via idiomas antropológicos de pureza e mixórdia” (pp. 30-31).*

SAVAGE, após nos demonstrar que *“tanto na tradição marxista quanto na weberiana, os fundamentos especulativos da teoria das classes sociais estão seriamente abalados”* (p. 32), vai nos apresentar a sua revolucionária proposta.<sup>14</sup>

*“Afora tudo isso, desejo indicar uma versão alternativa da teoria das classes que poderia superar a dificuldade de especificar uma base estrutural precisa para as relações de classe<sup>(...)</sup>. Desse modo, sublinho que o traço distintivo da vida operária não se apóia exclusivamente no processo de trabalho (como frisariam os marxistas) nem no mercado de trabalho (como desejariam os weberianos), mas na insegurança estrutural vivida por todos os trabalhadores”* (p. 33).

O interessante – e curioso – é que SAVAGE está preocupado com a formação da classe mas não define o que entende por classe, que parece ser em seu discurso apenas uma palavra, não é um conceito. Realmente curioso... Ao afirmar que o traço distintivo da vida operária *“não se apóia exclusivamente no processo de trabalho [o “exclusivamente” já relativiza o seu pensamento, o que é muito bom, e concordo com ele aqui]* (como

---

<sup>13</sup> Marx/Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Edições Avante! – Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1982, t. 1, p. 14.

<sup>14</sup> SAVAGE me faz lembrar o Sr. Dühring. Marx, Weber, Foucault, enfim, todos mereceram a sua adequada parcela de críticas “contundentes” do Sr. SAVAGE, que se apresenta como o portador de uma teoria que vai

*frisariam os marxistas) nem no mercado de trabalho (como desejariam os weberianos), mas na insegurança estrutural vivida por todos os trabalhadores” (p. 33), se utiliza de um critério que também pode ser usado para os burgueses, para os patrões. Não me surpreendo, já que – como vimos – tem dificuldades em identificar quem explora e quem é explorado. Insegurança estrutural (o que SAVAGE entende por “estrutura”? É um mistério...<sup>15</sup>) qualquer capitalista tem, pois as dívidas, as crises de superprodução, tudo isto atormenta de tempos em tempos a burguesia.*

SAVAGE, a despeito de suas vacilações teóricas, nos orienta acertadamente para uma questão, a meu ver, fundamental para os dias de hoje: os bairros.

*“É tão relevante olhar para as estratégias de vida atualizadas nos bairros urbanos e nos lares quanto para o processo de trabalho em si mesmo. Nesse olhar, o trabalho, enquanto emprego, não carece ser visto como o único ou o principal eixo da classe social” (p. 33).*

Sem querer ser incômodo, devo dizer que isto não é novidade nenhuma para o marxismo. Senão, vejamos:

*“Esta produção só surge com o aumento da população. Ela própria pressupõe, por seu turno, um intercâmbio [Verkehr\*] dos indivíduos entre si. A forma deste intercâmbio é, por sua vez, condicionada pela produção. { \*Nota: o termo *Verkehr* em *A Ideologia Alemã* tem um conteúdo muito amplo. Inclui o intercâmbio material e espiritual de indivíduos, grupos sociais e países inteiros (grifo meu). Na sua obra, Marx e Engels mostram que o intercâmbio material, e sobretudo o intercâmbio entre as pessoas no processo de produção, constitui a base de qualquer outro intercâmbio. Nos termos *Verkehrsform*, *Verkehrsweise*, *Verkehrsverhältnisse*, *Produktions-und Verkehrsverhältnisse* (“forma de intercâmbio”, “modo de intercâmbio”, “relações de intercâmbio”, “relações*

---

revolucionar a história do mundo do trabalho. Ver ENGELS, Frederico, *ANTI-DÜHRING*, Biblioteca Perspectivas do Homem, Lisboa, 1976.

<sup>15</sup> Na verdade, SAVAGE não pretende mesmo explicar o que entende por “estrutura”. É o que podemos inferir um pouco antes (p. 33) do seguinte trecho: “(...) *desejo indicar uma versão alternativa da teoria das classes **que poderia superar a dificuldade de especificar uma base estrutural precisa** para as relações de classe” (grifo meu). E em seguida nos apresenta a expressão “insegurança estrutural” quando antes procurava “*superar a dificuldade de especificar uma base estrutural precisa*”. Confuso e contraditório.*

de produção e de intercâmbio”), que são utilizados em *A Ideologia Alemã*, encontrou expressão o conceito de relações de produção (grifo meu), que nesta altura estava a ser elaborado por Marx e Engels’ }”.<sup>16</sup>

Relações de produção, como se vê, **não são apenas** relações econômicas; são relações **sociais** de produção, de intercâmbio entre os homens. “*Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência*”<sup>17</sup>. E a vida também é vivida nos bairros, nas famílias, nas igrejas..., no mundo.

Trata, em seguida, de questões ligadas à mobilidade social e espacial, gênero, ao estudo das famílias dos trabalhadores, enfim, questões extremamente relevantes para o conhecimento da classe.

“*Assim ou assado*” (p. 31) SAVAGE apresenta questões de grande relevância para uma compreensão mais ampla, mais profunda, multifacetada e dialética da classe, a despeito – a meu ver - de todos os seus equívocos teóricos aqui discutidos e de suas vacilações ao fazer coro com o que há de mais pueril no senso comum do discurso burguês.

### O PENSAMENTO DE MARCEL VAN DER LINDEN

LINDEN, Marcel van der, *Globalizando a Historiografia das Classes Trabalhadoras e dos Movimentos Operários: Alguns pensamentos Preliminares*, Revista de História UFC, vol. 1, n° 2, Fortaleza, 2002, pp. 9-24.

LINDEN discuti a validade dos estudos do trabalho focados dentro dos limites das fronteiras nacionais, uma espécie de “nacionalismo metodológico”, segundo o seu próprio entendimento.

De fato, a fronteira nacional é um dado objetivo. Se o objetivo futuro dos trabalhadores for realmente o de acabar – de uma vez para sempre – com a exploração do homem pelo homem, deverão conquistar o poder político. Ora, poder político é quase que sinônimo de poder de Estado, e a maioria dos Estados possuem a sua parcela do território global. Ajustar suas contas com seus opressores nacionais para depois expandir a revolução.

O problema é que não se pode transpor para os trabalhadores os desejos geopolíticos de suas supostas vanguardas. O olhar do estudioso muitas vezes está tão

---

<sup>16</sup> Marx, Karl; Engels, Friedrich; *Obras Escolhidas em Três Tomos*, op. cit., pp. 9 e 562.

<sup>17</sup> Marx/Engels, *Obras Escolhidas em três tomos*, op. cit., p. 14.

mergulhado nas grandes teorias revolucionárias que só consegue ver aquilo que deseja ver, substituindo a realidade objetiva pelos frutos e desejos do seu pensamento.

E temos um outro problema: ajustar contas com os exploradores “nacionais” para depois ajustar contas com os exploradores “estrangeiros”, na atual etapa imperialista do desenvolvimento do capitalismo, é impossível. Burguesias “nacionais” e “estrangeiras” estão ligadas por laços históricos muito sólidos de forma que ao atacarmos os interesses de uns, estaremos atacando os interesses dos outros e vice-versa.

Desenvolver projetos comparativos e internacionais é o que nos propõe LINDEN. Estudo das migrações, dos processos transnacionais de formação da classe trabalhadora, e por aí vai... Mas não apenas estudar a classe dos centros metropolitanos, mas também estudar a periferia, os trabalhadores da África, Ásia, América Latina.

Tais estudos forçam o que LINDEN chama de reconceptualização. Faz sentido, pois a mudança da escala exige novos conceitos. Globalização metodológica (p. 10), e para tanto, um novo aparato conceitual.

O primeiro deles, a “História Global do Trabalho”. O que seria isso? Primeiro, não é uma teoria, é um novo campo de interesse. Segundo, significa a transnacionalização e a transcontinentalização dos estudos, a busca da compreensão da totalidade, já que o mundo do trabalho responde hoje, em razão da transnacionalização e da transcontinentalização do capital, a determinações globais. Ou se compreende o global, ou não se compreende nada. Terceiro, significa estar atento às diversidades do mundo do trabalho, que varia de região para região: trabalho livre e cativo, pago e sem remuneração, organizações formais e informais dos trabalhadores, enfim... Quarto, inserir a família nos estudos do trabalho. E quinto, o interesse focado no estudo das relações de trabalho e dos movimentos sociais dos trabalhadores ainda que retrocedidos no tempo, desde os primórdios do mercado mundial.

O autor salienta muito bem que a macro-história não exclui a micro-história. Pelo contrário, se complementam.<sup>18</sup>

A utilização do conceito de “sociedade global” não diminui a importância dos estudos comparativos entre semelhanças e diferenças entre as nações. Acrescenta, só isso.

---

<sup>18</sup> “O autor de uma monografia sobre uma aldeia mineira na Bolívia ou na Polônia pode trazer uma contribuição inovadora para a história global do trabalho fazendo uma ou duas coisas. Ele (ou ela) pode mostrar que a movimentação nessa aldeia tinha múltiplos vínculos com o mundo exterior, seja por intermédio dos seus migrantes que se dirigem a lugares próximos ou distantes, seja porque esta mina de carvão local está incorporada ao processo econômico de uma cadeia transnacional, ou ainda, seja por meio da religião da maioria dos mineiros e das suas famílias e a sua relação com a hierarquia transnacional da igreja Católica” (p. 12).

O importante é não cair da armadilha de se estudar um processo nacional sem ver as inter-relações entre o nacional e o global.

Uma questão – a meu ver – muito interessante e que pode mudar significativamente o olhar do pesquisador é quando LINDEN afirma que *“Os indivíduos não são o melhor ponto de partida para as análises sociohistóricas, e sim as unidades domésticas e as famílias”* (p. 16). Baseia-se no fato de que o trabalho assalariado, na semiperiferia, está completamente integrado em unidades domésticas e em famílias.

De fato, na minha experiência pessoal em movimentos de bairro, precisamente associações de moradores ligadas à luta pela moradia, nunca compreendi o porquê de nestas lutas, nas reuniões das associações, a presença da mulher ser quase que de 100% da militância. Raramente os maridos apareciam, e mais raro ainda existirem homens nas diretorias destas associações. Isto me faz lembrar uma discussão que tivemos em aula a respeito das *estratégias familiares* de sobrevivência, quer dizer, enquanto a mulher vai na reunião da associação, o marido vai à luta em busca do pão de cada dia. Faz sentido... Realmente, se não olharmos para a família, se limitarmos nossos horizontes aos indivíduos, aos trabalhadores no seu sentido mais clássico, nunca compreenderemos este processo. Hoje tenho uma visão diferente sobre esta não participação dos homens na luta pela moradia, mas, ao tempo dos fatos, confesso que via neste comportamento nada mais nada menos do que pura covardia.

Uma outra questão também – a meu ver – extremamente, profundamente, estrategicamente importante é quando LINDEN nos alerta para o fato de que hoje o proletariado “clássico” *“está rodeado por, e misturado com, variado grupo de “semiproletários” – de ambulantes, meeiros, trabalhadores em domicílio, prostitutas, trabalhadores por conta própria, ladrões e catadores de lixo. As fronteiras entre os diferentes setores sociais são fluidas, e mesmo isto encontra expressões em suas formas de organização”* (p. 17). Como exemplo, a COB da Bolívia, uma confederação que engloba – além dos operários, é claro – os vendedores ambulantes, estudantes, camponeses e pequenos produtores.

O trecho a seguir fala por si mesmo.

***“A dinâmica das lutas sociais, na semiperiferia, permanecerá incompreensível se não prestarmos atenção a tais formas estruturais híbridas” (p.17).***

PERGUNTA 2 – OPÇÃO B: De que forma apresentam Michael Hall e Hobart Spalding Jr. a formação da Classe Trabalhadora na América Latina?

### **O PENSAMENTO DE HALL E SPALDING**

HALL, Michael, SPALDING JR, Hobart, *A CLASSE TRABALHADORA URBANA E OS PRIMEIROS MOVIMENTOS TRABALHISTAS NA AMÉRICA LATINA, 1880 – 1930*, IN: BETHELL, Leslie (org.), *HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA*, v. IV, Edusp, São Paulo, 1991.

O corte cronológico é justificado em razão de neste período se verificar uma entrada de investimentos estrangeiros de grande porte. Onde há muito capital, no estágio de desenvolvimento das forças produtivas do período, há muito trabalho. Atrás do capital vem o trabalho, forma-se a classe trabalhadora.

### A ECONOMIA, A BURGUESIA E O ESTADO

Até então, os países latino-americanos eram exportadores de produtos primários e importadores de manufaturados.

Os empregados ligados ao setor de exportação desfrutavam de certas vantagens em relação aos demais. Por exemplo, uma greve de ferroviários colocava em risco a exportação de primários, o que lhes conferia certo poder de barganha que os faziam um pouco diferentes dos seus iguais. Isto lhes empurravam muitas vezes para o reformismo. Seja como for, é neste setor (exportação) que o movimento trabalhista ganha impulso.

O grande capital concentra e organiza os trabalhadores. Os pequenos capitais espalham e desorganizam o mundo do trabalho. “*Os trabalhadores de fora do setor de exportação encontravam-se de modo geral espalhados em empresas de pequeno porte*” (p.284).

Estas empresas de pequeno porte forneciam ao mercado bens e serviços que não poderiam ser importados. Ex.: tipógrafos, pequenas empresas de construção, padeiros e outros envolvidos no processamento de alimentos, alfaiates, fabricantes de sapatos e chapéus, vidraceiros, pequenas metalurgias, fabricantes de móveis, enfim, nichos de mercado. Os trabalhadores destes setores não eram artesãos independentes. Eram assalariados, embora houvesse um setor artesão importante que em alguns casos exerceria pressão política significativa. No geral, “*prevalencia eram estratégias e as táticas dos trabalhadores assalariados*” (285).

O proletariado industrial clássico só aparece em quantidade significativa em princípios do séc. XX, e até 1930 vai ocupar um lugar secundário no mundo do trabalho. É o setor de exportação o mais importante, até então.<sup>19</sup>

Para quebrar a força dos trabalhadores, as oligarquias latino-americanas importavam mão-de-obra em quantidade bem superior à necessária para dar conta da oferta de empregos, produzindo assim o exército industrial de reserva. Os imigrantes italianos em São Paulo constitui um exemplo de como o mercado de trabalho urbano foi inundado pela oferta de mão-de-obra que, por sua vez, exercia a sua função de forçar os salários para baixo e inibir a luta sindical, via medo do desemprego. O movimento trabalhista nunca foi capaz de impedir todo este processo.

A burguesia latino-americana também estava em gestação. Era extremamente intransigente e não sabia muito bem como lidar com o movimento trabalhista. Na ausência de formas de controle mais sutis, a questão do trabalho convertia-se em problema de segurança pública, “em caso de polícia” como se dizia no Brasil.

O fato de muitos dos patrões latino-americanos serem estrangeiros servia, em alguns casos, como um elemento de tomada de consciência por parte dos trabalhadores.

*“Em nenhum lugar da América Latina a burguesia industrial tornou-se hegemônica antes de 1930; o Estado continuou, em sua maior parte, nas mãos de grupos claramente vinculados ao setor de exportação e, decididamente, pouco interessados na expansão industrial em grande escala” (p. 288).*

A luta dos trabalhadores industriais não incomodava diretamente o setor hegemônico da economia, os interesses primário-exportadores. Mas em alguns casos, como no Brasil, parte dos capitais falidos do café migraram para a indústria e para o comércio, fazendo com que o Estado estabelecesse políticas de controle e repressão mais abrangentes.

A violência foi uma constante nas relações entre trabalhadores, Estado e patrões.<sup>20</sup> Fuzilamentos e massacres de toda ordem foram muito comuns na primeira década do séc. XX.

---

<sup>19</sup> “O proletariado industrial, no sentido de trabalhadores de fábricas grandes e mecanizadas, só começou a aparecer em números significativos no início do século XX e antes de 1930 não ocupou uma posição central em nenhuma economia nacional de nenhum país. Sem dúvida, as fábricas têxteis eram as maiores empresas modernas; em alguns países, eram praticamente as únicas. A maioria das outras atividades industriais continuavam atadas ao setor de exportação, como foi o caso das fábricas de carne enlatadas e dos moinhos de farinha de trigo na Argentina” (p. 285).

<sup>20</sup> “Quase todos os governos latino-americanos, numa época ou noutra, fecharam as sedes dos sindicatos, saquearam as oficinas de jornais, proibiram ou dispersaram manifestações e reuniões e ordenaram o espancamento e a prisão de líderes trabalhistas” (p. 289).



Trabalhadores estrangeiros, muitos dos quais sob a influência do anarco-sindicalismo, foram expulsos como agitadores. Argentina, Brasil, Chile, Cuba e Uruguai aprovaram leis que expulsavam sumariamente estes militantes.

A regulamentação dos conflitos entre capital e trabalho só vai ser estabelecida a partir de 1930.

### A CLASSE TRABALHADORA

A composição dos trabalhadores era diversa, variando de país para país. Em geral, ex-escravos, indígenas e sobretudo imigrantes.

É comum pensarmos que os imigrantes foram os grandes importadores de idéias e experiências de organização sindical e trabalhista, mas não é verdade. Assim como os migrantes latino-americanos que partiam do campo para a cidade não tinham experiência sindical alguma, os imigrantes europeus e de outras regiões também eram, na sua maioria, sobras do campo, tão ingênuos quanto os nossos.<sup>21</sup>

A partir do final do séc. XIX, verifica-se um crescimento populacional nas grandes cidades latino-americanas, resultado do próprio crescimento vegetativo, do êxodo rural e recebimento de imigrantes. Uma urbanização caótica sobretudo pela baixa oferta de serviços públicos, pelas péssimas moradias, pela ausência de água potável e saneamento básico, problemas que atingiam sobretudo as classes trabalhadoras. Os alugueiros consumiam boa parte dos salários, e muitas vezes eram moradias de apenas um cômodo recebendo famílias inteiras. Epidemias campearam as grandes cidades no período.

Esta concentração de pessoas nestes bairros miseráveis foi um fator que permitiu o desenvolvimento, em algumas cidades, de uma solidariedade política mais acentuada. *“Brás em São Paulo ou La Boca e Barracas em Buenos Aires, tornaram-se famosos por serem redutos de militância política e de uma cultura trabalhista mais ou menos autônoma”* (p. 294). Paulatinamente, com o desenvolvimento dos transportes coletivos, como os bondes, os bairros de trabalhadores se dispersaram um pouco dos centros.

---

<sup>21</sup> “É claro que alguns imigrantes traziam de sua terra de origem alguma experiência política e muitos líderes haviam desempenhado papéis importantes nos movimentos trabalhistas de seu país natal. No entanto, ao que parece, poucos militantes consideraram alto o nível geral de experiência política dos imigrantes. Na verdade, muitos se queixaram da ausência de tradições revolucionárias entre os imigrantes e de sua pouca familiaridade com as questões políticas ou com a organização da classe trabalhadora. Tampouco parece ter sido grande a proporção dos trabalhadores especializados ou daqueles com experiência industrial anterior, o que dificilmente surpreende numa imigração estimulada e organizada para servir às necessidades da agricultura de exportação” (p. 292).

Podemos dizer que as condições de vida da maioria da classe trabalhadora latino-americana no início do século XX eram miseráveis. Jornadas de trabalho que variavam de 12 a 16 horas por dia, em geral, para uma semana de trabalho de 6 dias. Exploração de mulheres e crianças. Taxas elevadas de acidentes de trabalho. Sindicatos fracos ou a ausência deles podem ser considerados como os fatores explicativos mais importantes. O desemprego endêmico também dava a sua contribuição, e obedecia aos caprichos das oscilações do mercado mundial comprador de produtos primários. *“As oscilações bastante violentas dos produtos latino-americanos de exportação no mercado mundial resultavam regularmente num desemprego em grande escala”* (p. 296). Havia as sociedades de auxílio mútuo, organizadas por artesãos e até mesmo com a colaboração de alguns donos de oficinas, que ofereciam algum tipo de assistência.

Houve experiências importantes - e que precisam ser melhor estudadas - de tentativas de se criar formas alternativas aos sindicatos tradicionais, mas tiveram pouco sucesso. *“Em São Paulo, desenvolveram-se significativamente, em 1917 e em 1918, ligas de bairros formados por trabalhadores de todos os ramos, mas, em virtude da intensa repressão contra a classe trabalhadora em consequência das greves gerais desses anos, a grande maioria delas desapareceram. Com a exceção parcial da Argentina e do Uruguai, o papel dos partidos políticos no movimento trabalhista continuou pequeno até depois de 1917”* (p. 304).

Algumas greves foram realmente planejadas para serem gerais. Outras, porém, de uma ou outra categoria, faziam explodir revoltas espontâneas que irradiavam o movimento por toda a cidade, convertendo uma simples greve parcial em greve geral espontânea. Reivindicações como a luta contra a carestia, os preços dos aluguéis incorporavam-se às reivindicações clássicas do movimento trabalhista.

### O SINDICALISMO CONTROLADO PELO ESTADO

É no México que se inicia o processo de incorporação dos sindicatos ao aparelho de Estado. A brutalidade com que os movimentos grevistas foram tratados fez com que correntes ligadas a novas estratégias de luta, menos radicais, ganhassem corpo no movimento trabalhista.<sup>22</sup> Tal processo viria a se expandir, a partir de 1930, por vários países latino-americanos.

---

<sup>22</sup> “A grave derrota representada pelo fracasso da greve geral de 1916 para os partidários da ação direta [anarco-sindicalistas], junto com a persistência da repressão pelo governo de Carranza, serviu para

No início da década de 1920, encerra-se um grande ciclo de movimentos grevistas em toda a América Latina. A depressão do pós-guerra contribui muito para isto. Os Estados, assustados ainda com as explosões do movimento trabalhista, se aproveitam da calma para reforçar seus aparelhos repressivos, mas não abrindo mão da brutalidade quando necessária. A busca pela cooptação dos sindicatos ou de suas lideranças ganha impulso neste período, mas só se consolida mesmo a partir de 1930. Concessões também foram feitas, como o reconhecimento legal de alguns direitos trabalhistas, a redução da jornada de trabalho, a regulamentação do trabalho de mulheres e crianças, tudo objetivando “acalmar” os trabalhadores.

É neste período que o anarco-sindicalismo entra em crise, perdendo terreno para correntes reformistas e colaboracionistas. *“A participação política e a negociação pareciam oferecer possibilidades novas e atraentes. Ao mesmo tempo, surgiram os partidos leninistas para competir com as tendências que haviam predominado nos movimentos trabalhistas da América Latina antes de 1917”*(p. 322).

O colaboracionismo é recorrente entre os comunistas. *“(…) o imperialismo era o principal obstáculo contra o qual as classes trabalhadoras deveriam lutar. Suas análises afirmavam que o movimento trabalhista podia tirar proveito das rivalidades entre setores da burguesia local e internacional mediante alianças temporárias que fariam avançar o movimento revolucionário de longo alcance. Assim, os comunistas às vezes apoiaram governos nacionalistas que tentaram refrear a penetração estrangeira nas economias locais”* (p. 323).

A partir de 1930, uma onda de cooptação do movimento trabalhista toma conta da América Latina, mas isto já é uma outra história.<sup>23</sup>

---

*Evandro de Oliveira Machado*

fortalecer substancialmente aquelas correntes dentro do movimento trabalhista inclinadas a buscar melhores condições através da negociação e da colaboração com o Estado” (p. 313).

<sup>23</sup> “Em 1930, a pequena classe trabalhadora urbana do final do século XIX havia passado por grandes mudanças. Mesmo que as economias latino-americanas, como produtoras de produtos primários, continuassem ligadas fundamentalmente à Europa e à América do Norte, a indústria dos maiores países havia crescido significativamente. Os trabalhadores de quase toda a parte criaram instituições para se defender, adquiriram experiência e, em alguns casos, conseguiram melhorar suas condições de vida e de trabalho. Suas lutas haviam produzido um corpo expressivo de legislação social e tinham levado o Estado a assumir um papel crescente nas questões trabalhistas – legados ambíguos, como se verificou, que também serviram de instrumentos para conter a classe trabalhadora dentro da ordem vigente. Os movimentos trabalhistas formados no curso das lutas das décadas anteriores representaram na maioria dos países uma força capaz de influenciar a direção da vida nacional. No entanto, as doutrinas dos movimentos anteriores a 1930 geralmente perderam terreno para os movimentos populistas, nacionalistas e estatistas que dominaram a política em grande parte da América Latina nas décadas posteriores a essa data. Não obstante, **o próprio populismo foi uma reação à luta de classes e à mobilização real e potencial da classe trabalhadora.** Suas raízes podem ser vistas claramente nos acontecimentos e nas políticas dos anos anteriores” (p. 327, grifo meu).